

# **“A VERDADEIRA FILOSOFIA É REAPRENDER A VER O MUNDO” “PARA TRANSFORMÁ-LO”: DIFERENÇA SEXUAL COMO UMA PRÁXIS FENOMENOLÓGICA DESCOLONIZADORA**

Gigliola Mendes<sup>1</sup>

## **Resumo:**

Tomo de empréstimo propostas de futuro de Merleau-Ponty e Marx, para ensaiar uma aproximação entre a práxis da diferença sexual da *Libreria dele donne* di Milano e de Luce Irigaray e a metafísica da mistura de Emanuele Coccia, pensar caminhos éticos e políticos às crises sanitária e ambiental atuais e confabular maneiras de fazer nascer um mundo pós-pandêmico para todos os seres que partilham e produzem nosso planeta. Parto de epistemologias europeias, mas, como busco “voltar pra casa”, almejo descolonizar os sentidos e aguçar os ouvidos para efetivamente reaprender a ver o mundo a partir de cosmovisões indígenas.

## **Palavras chave**

Fenomenologia, práxis, feminismo da diferença, plantas, descolonização.

## **Abstract:**

Starting from proposals for the future from Merleau-Ponty and Marx, I propose a rapprochement between the praxis of sexual difference of Libreria delle donne di Milano and Luce Irigaray and Emanuele Coccia's metaphysics of mixture, to think about ethic a land political paths to the current heal than denvironmental crises and to confabulate ways to give birth to a post-pandemic world for all beings who share and produce our planet. I start from European epistemologies, but, as I seek to "return home", I aim to decolonize the senses and sharpen the ears to effectively relearn how to see the world from indigenous cosmovisions.

## **Key-words**

Phenomenology, praxis, feminism of difference, plants, decolonisation.

*Introdução: começando a “voltar pra casa”*

<sup>1</sup> Gigliola Mendes, Doutoranda em filosofia, na Universidade de Brasília (UNB). Email para contato: dili.sedf@gmail.com

O desejo teórico e concreto de “voltar pra casa” permite retomar propostas dos filósofos Merleau Ponty e Marx, que alimentaram as teorias feministas com as quais dialogo, dando maior profundidade na compreensão destas teorias, e mensurar seu potencial ético-político, também por que as compreendo como propostas de futuro. A primeira proposta, do francês Merleau Ponty, está sintetizada no Prefácio da *Fenomenologia da percepção* (1999, p. 19), onde afirma que “a verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo”. Um projeto de transformação da percepção que exige uma relação de proximidade entre sujeito e mundo, via intencionalidade, para um descortinamento constante, inesgotável, da mundaneidade, a fim de atingir as essências das coisas. A proposta do alemão sintetizada na décima primeira tese sobre Feuerbach (2019), em que afirma que “os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras, e o que importa, contudo, é transformá-lo”, oferece um método para pensar a filosofia como *práxis* e, assim, para o desenvolvimento de um pensamento que seja também política e história concretas.

A "volta para casa" é um caminho que venho trilhando, quando ensaio o diálogo entre a *práxis* da diferença sexual das feministas da Libreria dele donne di Milano – que medeio com o feminismo da diferença da filósofa Luce Irigaray– e a metafísica da mistura do filósofo Emanuele Coccia. Mas porque, então, resgatar Merleau-Ponty e Marx? Porque quero pensar como tal aproximação, estimulada pela *práxis* das feministas italianas da diferença, tem me permitido encontrar e praticar a filosofia de raízes europeias que ainda considero potente para pensar outros mundos, ou seja, uma filosofia compreendida como abertura fenomenológica para o mundo, com o objetivo de ampliar o contato com todos os seres e, a partir das relações possíveis, vislumbrar caminhos de transformação do *status quo*, criação de outras possibilidades de vida e coabitação entre os diferentes.

A ideia de um contato entre os seres como potencializador de novos caminhos, presente na definição supracitada de filosofia, não seria mero detalhe, mas um ponto-chave para pensar a qualidade da relação fenomenológica com o mundo e que o feminismo da diferença italiano tem me ensinado a defender. Na verdade, a busca por um fazer filosófico que amplie a autoconsciência e o contato comigo mesma, com todas as outras com quem me coloco em relação e com os diferentes aspectos do mundo, com o objetivo de perceber o quanto aprofundar e se tornar consciente dos múltiplos contatos que empreendemos pode modificar as teorias que construímos e proporcionar a abertura efetiva para relações outras.

Nos termos de Coccia, “perceber o mundo em profundidade é ser tocado e penetrado a ponto de ser alterado, modificado por ele” (COCCIA, 2018, p. 98).

As teorias com as quais me relaciono se potencializaram por esse tipo de contato consciente. Suas autoras e autores se implicaram corporalmente com seus objetos e se abriram para intensificar tal contato e, a partir daí, buscar respostas. As italianas da *Libreria* já vinham se dedicando a pensar a crise ambiental e climática desta maneira e a experimentar caminhos para que sua política contribuísse efetivamente para o enfrentamento desta crise (na *práxis*). Em 2020, se somou a estas crises a pandemia do novo coronavírus, uma crise sanitária que exigiu delas mergulhar com ainda mais força na compreensão corporal das causas e dos efeitos da destruição do planeta, da invasão ou modificação dos territórios de outras espécies, e buscar novos rumos para suas teorias e ações políticas.

O contato profundo com os efeitos da pandemia, na Lombardia, o epicentro italiano do contágio e morte por covid-19, as conduziu para o exercício do feminismo da diferença como abertura intensa, ou melhor, para pensar as possibilidades de enfrentamento dos inúmeros desafios atuais a partir do sentido livre da diferença sexual: o método delas, que corresponde a um processo relacional capaz de atravessar distâncias e sentidos de realidade em busca de um *cambio di civiltà*.

#### *Uma casa feminista na Itália: diferença como caminho*

Laura Minguzzi (2020)<sup>2</sup>, historiadora da *Libreria di Milano*, afirma que neste espaço político do feminismo italiano as mulheres não buscam definir nem a categoria mulher – uma identidade que correria o risco de ser uma perspectiva essencialista – nem especificamente a diferença entre homens e mulheres. Interessa-lhes debater o sentido livre da diferença, ou seja, a diferença dentro de cada mulher, a possibilidade de pensar e/ou de produzir, sempre de forma relacional, um pensamento livre da diferença singular, considerando-o nos mais diversos contextos.

Esse sentido “livre” ou múltiplo da diferença -fenomenológico e ontológico - apresenta-se, então, como uma filosofia da futuridade, capaz de imaginar e trilhar caminhos e

<sup>2</sup> Conceito desenvolvido em entrevista por email, para a pesquisa doutoral a ser apresentada em 2021, na Universidade de Brasília (UnB).

conexões em direção àquilo que ainda deve ser criado. A filósofa Luisa Muraro(2020)<sup>3</sup>, uma das principais feministas da *Libreria*, afirma que a perspectiva da diferença, com sua *práxis*, nos habilita a falar não apenas de feminismo e dos temas geralmente a ele relacionados, mas do mundo, em uma perspectiva global e plural, contemplando-nos enquanto indivíduos (porém, tentando não nos privilegiar). Dessa forma, o sentido livre adotado pelas feministas italianas ampliaria o contato delas com as crises atuais – incluindo a aproximação às violências contra mulheres, crianças, imigrantes e pessoas pobres, todas intensificadas nesse momento –, para pensar em conjunto alternativas para as relações e formas de organização políticas e sociais peculiares à cultura e à sociedade capitalista, patriarcal, racista e colonial, que o ocidente engendrou.

A dedicação e a implicação ética e política a este método filosófico as fazem buscar caminhos não só para a crise pandêmica, mas para um novo mundo pós-pandêmico. Elas destacam como pontos centrais, desmembrados do momento atual, as reflexões sobre nossa vulnerabilidade e nossa inevitável interdependência, materializadas na importância de pensar e praticar o cuidado, como uma ação política prioritária, para que sigamos existindo; mas pensam num cuidado que não sobrecarregue, não explore nem privilegie determinados grupos ou seres em detrimento de outros. Foi esta busca por uma reflexão sobre o que significaria uma perspectiva ética do cuidado, capaz de potencializar a vida e gerar a cooperação- distante da já conhecida relação essencialista entre cuidado e o feminino ou as mulheres – que conduziu as feministas da *Libreria* a estreitar os laços com a filosofia de Emanuele Coccia e sua reflexão focada na botânica.

### *Uma casa misturada: o coabitar ontológico*

A aproximação entre as feministas da diferença italianas e Coccia se dá, num primeiro momento, pelo fato de que este filósofo também criou sua reflexão por uma aproximação fenomenológica com as plantas, ou melhor, por um contato consciente com a vida vegetal, proporcionado por seus anos de formação num liceu agrônomo na Itália. Pela via da experiência ele pôde apresentar uma filosofia da natureza do ponto de vista das plantas,

<sup>3</sup>Conceito desenvolvido em entrevista por email, para a pesquisa doutoral a ser apresentada em 2021, na Universidade de Brasília (UnB).

que permite pensá-las não como espelhamento do mundo humano – segundo Coccia (2018), um tipo de compreensão analógica construída por muitos pensadores desde a antiguidade e, em especial, na Idade Média –, mas tomando-as como elementos cujo “*ethos*” revela outros significados ontológicos e outras possibilidades de relação entre os seres.

Em “A vida das plantas: uma metafísica da mistura” (2018), o filósofo afirma que a filosofia sempre negligenciou as plantas, pensando-as como mero ornamento cósmico ou elemento supérfluo da decoração urbana. E argumenta que tal problema não estaria presente apenas no escopo filosófico, já que também a biologia contemporânea as teria negligenciado. Segundo ele, “a literatura evolucionista padrão é zoocêntrica” (COCCIA, 2018, p. 11) e centrar os estudos sobre a evolução na zoologia causaria uma miopia ou uma cegueira em relação às outras espécies não animais, que são as verdadeiras responsáveis pela possibilidade e a manutenção da vida. A postura zoocêntrica aproximaria a zoologia de um antropocentrismo - conseqüentemente também de uma perspectiva patriarcal e racista – e de todos os problemas conhecidos quando se privilegia uma espécie ou um grupo em detrimento de outros.

Então, junto de Coccia as italianas perguntam o que poderíamos realmente aprender de novo com a mudança de foco da zoologia para a botânica. Em síntese, suas respostas a esta pergunta lhes permitem problematizar e ampliar a própria noção de mundo, e igualmente as de política, cuidado, cultura, filosofia etc. Sobre o primeiro ponto, Coccia afirma que “nosso mundo é um fato vegetal antes de ser um fato animal” (COCCIA, 2018, p. 16), que “a vida das plantas é uma cosmogonia em ato, a gênese constante de nosso cosmo” (COCCIA, 2018, p. 16), e por isso interrogá-las seria realmente “compreender o que significa estar no mundo” (COCCIA, 2018, p. 13).

Para uma ampliação da política, Coccia (2018) afirma que as plantas, enquanto organismos autótrofos, não precisam matar outros vivos para viver, ou seja, não haveria hostilidade entre elas, uma vez que “a simbiose, a cooperação e a interação de certa forma pacífica entre os vivos são muito mais importantes para a história da vida do planeta do que a competição ou a guerra”. Dessa forma, os caminhos de organização das plantas estariam próximos àqueles almejados pelas italianas, em que se privilegiaria a autoridade – reconhecida a quem movimenta situações e pessoas na direção desejada, por meio de atos e

ideias–, também a relacionalidade, a paz (ou equilíbrio entre diferentes) e não o poder, a hierarquia e a guerra.

Sobre o cuidado, compreender que “a sobrevivência [ou a própria possibilidade de existência] da quase totalidade dos seres vivos pressupõe a existência de outros viventes: toda forma de vida exige que já haja vida no mundo” (COCCIA, 2018, p. 14), nos ajudaria a compreender a nossa condição de nascidos ou oriundos de outrem, a nossa condição de vulneráveis e de seres que dependem do cuidado, da troca, da cooperação para sobreviver. Uma vez que, como revela Coccia, “viver é essencialmente viver da vida de outrem: viver na e através da vida que outros souberam construir ou inventar” (COCCIA, 2018, p. 15). Os outros, como plantas, mulheres, mães e todos os responsáveis pela nutrição e cuidado, revelam aspectos intencionalmente escondidos ou negligenciados para o mundo ser o que é, para seguir sendo capaz de se reproduzir: o que pode ser a produção de fotossíntese, já que “foi através da fotossíntese que nossa atmosfera passou a ter mais oxigênio” (COCCIA, 2018, p. 16), ou outras trocas bioquímicas, mas também o trabalho doméstico ou todos os trabalhos de cuidado não remunerados ou insuficientemente remunerados.

Quanto à cultura, descobrir com a pesquisa de Coccia que todas as espécies viventes operam de forma consciente para transformar o mundo ao seu redor e para readaptá-lo à própria existência- “dos vermes às plantas, ser vivo significa modificar radicalmente o espaço ao redor e tornar esse espaço habitável quando antes não era” (COCCIA, 2020, tradução livre)- permitiria perceber que todos os seres talvez sejam produtores de cultura; o que implicaria na insustentabilidade da dicotomia ou separação entre natureza e cultura e no fim da justificação da hierarquia e da superioridade dos seres humanos, supostamente os únicos capazes de produzir cultura.

Sobre o conceito de filosofia, pensar sobre as partes das plantas, tais como a raiz e as flores, da forma como aborda Coccia, permitiria ir além da perspectiva tradicional de filosofia, superando a pretensão de universalidade e neutralidade, que são um espelho do masculino e do patriarcal. Estas partes destes seres e suas múltiplas funções revelam que a inteligência das plantas está na totalidade da existência corpórea e não centralizada na organicidade de um cérebro e em uma forma única de racionalidade.

Em suma, como afirma Coccia, esta forma de estudar as plantas parece ser mais eficiente para nos tornar mais sensíveis à ideia de interconexão de tudo com todos os seres do que o estudo da zoologia. O especialista em neurobiologia vegetal Stefano Mancuso, também iria no mesmo caminho de Coccia ao ressaltar a potencialidade ético-política advinda deste campo de investigação, quando afirma que “umas das poucas possibilidades que temos como espécie humana de ter um futuro é, em parte, imitar as plantas, entender como se relacionam com o nosso planeta” (MANCUSO, 2019).

*Mimesis: o futuro é, em parte, imitar as plantas*

A *mimesis* destacada por Mancuso ou o pensar através das plantas é também experimentado pela filósofa da diferença Luce Irigaray - referência fundamental para as feministas italianas da *Libreria*. Em sua obra/diálogo com o fenomenólogo russo Michael Marder(2006),ela desvela a sua experiência profunda de contato consciente com o ser vegetal. Assim como as feministas de Milão, Irigaray se aproxima fenomenologicamente da natureza, com o foco nas plantas e nas trocas possíveis entre elas e os humanos, como caminho para reaprender ou encontrar significados novos sobre a vida. Ela o faz para enfrentar concretamente a força de exclusão e misoginia da cultura patriarcal e *falocêntrica*, que viveu após sua expulsão da Universidade em que trabalhava e do Círculo psicanalítico de Lacan, em Paris, na década de 1970.

Neste caminho fenomenológico, Irigaray mostra a potência de se pensar a diferença sexual através da existência vegetal, ou seja, como seria frutífera uma perspectiva da diferença sexual relacionada à natureza e aos outros viventes; frutífera para pensar mais amplamente o mundo e para os próprios humanos igualmente serem capazes de ampliar suas fronteiras cognitivas sobre si mesmos. Na forma como temos vivido, na perversa sociedade capitalista, “o tornar-se humano exige que renunciemos à nossa energia natural para entrar em um mundo construído”, mas seria possível “cultivar essa energia para [desenvolver] sua humanização e seu compartilhamento com relação a qualquer outro ser vivo, a começar por um humano sexuado de forma diferente. Experimentando plenitude na natureza”(IRIGARAY, 2006, cap. 8, tradução livre).

Esse caminho de plenitude experimentado por Irigaray, na perspectiva da diferença sexual, acaba conduzindo-a à reflexão da dualidade homem-mulher ou das diferentes formas de existência do humano como forças da natureza, como corpos sexuados com energia vital a ser potencializada, a partir do contato e da troca com os inúmeros seres vegetais. Nesse contexto, a diferença sexual – ou mesmo o sentido livre da diferença como as italianas denominam o conceito de diferença sexual – seria um processo de “cruzar distâncias para gerar diferença” (Giordana MAZOTTO, 2020, tradução livre), aproximando-se de outros seres e outros universos existenciais, como objetivo de encontrar/criar outra forma de sociabilidade que toma a vida vegetal como paradigma.

Como explica Coccia: "se as plantas se tornaram paradigmas não é apenas porque não são animais, mas porque incorporam uma forma de sociabilidade diferente daquela que tentamos estabelecer" (COCCIA, 2019, tradução livre). A planta encarna uma forma de vida que é politicamente mais importante hoje do que a vida animal porque torna mais visível um aspecto da vida no planeta que o animal esconde ou não pressupõe explicitamente. Malen Calderón Fourmont (2020) esclarece os aspectos da vida vegetal, destacados por Coccia, que seriam responsáveis pela mudança da própria concepção de vida e da sociabilidade decorrente dela. De acordo com suas reflexões, se pensamos a primazia da vida a partir das plantas, descobrimos, primeiro, que a suposta exclusividade da vida humana só é possível a partir da vida não humana (a vida das plantas) e, segundo, que a perspectiva vegetal permite repensar a vida pelo ponto de vista da “impropriedade” ou da não propriedade, isto é, por meio da comunidade, já que a vida é como um fluxo de estados compartilhado por todos os viventes.

Dessa forma, a abertura fenomenológica de Coccia nos permite pensar e ensaiar uma vida comunitária (não capitalista), não especista, não antropocêntrica e aberta à cooperação/interdependência entre a diferença (ou seria entre os diferentes?). Além disso, ressalta a importância desta abertura pela vida das plantas para nos conduzir a uma revolução feminista que transforme fundamentalmente o âmbito molecular (e concreto) das relações: o doméstico. Para ele, “a próxima revolução só pode ser uma revolução doméstica. É inútil pensar em mudar a sociedade se a forma de intimidade permanece ligada a modelos sexistas e violentos. Vivemos em espaços patriarcais com conceitos: tudo tem que ser mudado. As casas, no sentido arquitetônico e moral, têm que ser destruídas e reconstruídas” (COCCIA, 2019, tradução livre).



Irigaray vivencia essa relação ético-política com a vida vegetal na *práxis* e constrói um feminismo como um caminho de busca ou retorno à “casa”, compreendida não mais como propriedade privada da família nuclear burguesa, mas como espaço que todos os viventes compartilham e onde cooperam. Um espaço físico e simbólico, um espaço doméstico que amplie verdadeiramente as perspectivas do cuidado e da reprodução da vida e do vivo, ultrapassando as amarras patriarcais e tecendo uma transformação molecular e também cultural.

Irigaray realiza literalmente um retorno para sua casa de origem, em meio à natureza, e ali atinge uma profundidade para o compartilhamento com os diferentes seres vegetais (e também animais) se inspirando em cosmogonias da Índia, por meio da experiência com yoga, meditação e as divindades hindus. Sentidos mais profundos que influenciaram a maneira como passou a pensar a dualidade dos seres, que, para mim, podem ser aproximados a perspectivas indígenas sobre a dualidade complementar homem-mulher, como exemplo aquela denominada *chacha-wormi*, que a feminista comunitária boliviana Julieta Paredes (2013) visa construir, a partir das tradições ameríndias andinas, mas como “uma complementariedade horizontal sem hierarquias” (PAREDES, 2013, p. 79), capaz de superar as violências da relação homem-mulher: os indivíduos, mas também as forças da natureza, as diferentes energias.

Enfim, parto de epistemologias europeias, de filósofos *nape*, como diz Kopenawa (2015), mas, como busco na *práxis* reaprender a ver o mundo e “voltar para casa”, almejo, a partir dessas reflexões e das relações entre humanos e não humanos, descolonizar os sentidos e ouvir cosmovisões indígenas, as cosmologias dos trópicos, há séculos resistindo, com suas concepções comunitárias do viver, para que o mundo se torne um local “sagrado” para todos os que nele coabitam. **Sigo. Sigamos**, a pensar caminhos ético-políticos para transformar o mundo e criar um mundo pós-pandêmico para todos os seres.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

COCCIA, Emanuele. **A vida das plantas: uma metafísica da mistura**. Florianópolis: Editora Cultura e Barbárie. 2018.

- COCCIA, Emanuele. **La vita delle piante. Metafisica della mescolanza; Riccardo Venturi, entrevista** con Emanuele Coccia, 2019. Disponível em [www.doppiozero.com/materiali/la-vita-delle-piante-metafisica-della-mescolanza](http://www.doppiozero.com/materiali/la-vita-delle-piante-metafisica-della-mescolanza).
- COCCIA, Emanuele. **Pré-lançamento do livro Metamorfose e entrevista** com Damiano Fedeli, 2020. Disponível em: [www.youtube.com/watch?v=YTo9OMqL6uQ](http://www.youtube.com/watch?v=YTo9OMqL6uQ)
- CALDERÓN FOURMONT., Malen A.. *La vida como contagio y la inmunidad como frontera: reflexiones en torno a la permanencia y la vulnerabilidade*. In. *DasQuestões*, Vol.8, n.2, abril de 2021.p. 139-147.
- IRIGARAY, Luce; MARDER, Michael. **Through vegetal being**, New York: Columbia University Press, 2006.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das letras, 2015.
- MANCUSO, Stefano. **Revolução das plantas: um novo modelo para o futuro**. São Paulo: Ubu Editora, 2019.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.
- MAZOTTO, Giordana. *Pandemia, lavoro e cambio di civiltà*. *Rivista Via Dogana* 3, 2020. Disponível em: [www.libreriadelledonne.it/puntodivista/pandemia-lavoro-e-cambio-di-civiltà-giordana-masotto/](http://www.libreriadelledonne.it/puntodivista/pandemia-lavoro-e-cambio-di-civiltà-giordana-masotto/)
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- PAREDES, Julieta. **Hilando fino: desde el feminismo comunitario**. Mexico: Cooperativa elRebozo, 2013.